

TRIBUNA Livre

À Biblioteca Pública de
Braga

29
ABRIL
1972

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMAOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR-TELEF. 62113 - AMARES

A Oliveira no Minho Estribilho

(Continuação do número 491)

Aqui há uns 10 ou 12 anos, dizia-me um proprietário, grande entusiasta da oliveira-tutor: «se eu conseguir substituir por oliveiras todas as árvores da minha vinha, além de muito maior segurança, terei um bom lucro; como tenho cerca de mil «uveiras», mesmo que cada árvore me dê só um litro de azeite colherei a mais de dois em dois anos, perto de duas pipas dele».

E eu concordei. E que nesse tempo, a azeitona apanhava-se com relativa economia.

Ainda há outra utilização da oliveira: a protecção dos laranjais, muito corrente no concelho de Amares. Para que haja essa protecção, as oliveiras tem de ser altas; e já vimos quais os inconvenientes que daí resultam.

Quanto às laranjeiras, parece que, de facto, beneficiam bastante com esse abrigo contra os ventos e, sobretudo, contra as geadas. Porém a produção é baixa, principalmente quando as árvores, na ânsia de procurarem a luz que as oliveiras lhes tiram, começam a ficar esguias, dando pouco fruto.

Por outro lado verifica-se que essas laranjeiras, muito abafadas, são bastante atreitas á fumagina e (o que é bastante pior) às várias e numerosas cochonilhas que pululam na região.

Falemos agora do azeite. Produzido numa região fria e proveniente de azeitona que dada a sua pequena quantidade, pode ser bem escolhida, ele é, em geral, de boa qualidade: pouco espesso e sem sabores estranhos.

E o minhoto, qualquer que seja a sua condição social, nunca abandona o saboroso óleo da azeitona. Tão saboroso que não há nenhum que o bata ou que o substitua no molho de bacalhau cozido com batatas, tão apreciado nas terras nortenhas, e que, a bem dizer, ninguém dispensa na noite de consoada.

Falta-nos falar da azeitona de conserva.

Ela também está integrada na vida do minhoto, sendo muito apreciada por todos; aos mais pobres, sobretudo, satisfaz não só o apetite como também, muitas vezes, a necessidade de arranjar um

conduto barato e expedito para acompanhar a broa.

No Minho, a oliveira mais espalhada é a «galega miuda».

É extremamente rústica, cresce muito e, em geral, produz com grande abundância. Infelizmente, conforme o no-

me dá a entender, a sua azeitona é miúda, mesmo muito miúda. E se ela é aceitável para azeite, o mesmo não acontece quando a destinados conserva; no entanto, muitos

«Continua na 4.ª página»

Significativa manifestação de apreço foi o acto de entrada em exercício do novo Governador Civil

Na passada segunda feira realizou-se a solene entrada em exercício do novo Governador Civil do nosso Distrito sr. dr. Francisco Leite Dourado, empossado na quinta feira antecedente no Ministério do Interior.

Demonstrando o grande apreço em que é tido por todos, ali acorreu uma enorme multidão a prestar-lhe homenagem e a manifestar-lhe o seu desejo de colaboração para que o Regime continue a obra fecunda que vem levando a cabo em todo o País sob o égide do sr. Presidente do Conselho de Ministros.

Não vamos repetir aqui as referências de carácter geral já relatadas pelos diferentes órgãos de informação por desnecessárias e conhecidas a não ser a genérica e concludente impressão que a todos ficou de que o Palácio dos Falcões assistiu a uma das maiores manifestações do género celebrada em nosso tempo, tempo que alberga várias gerações e, por isso, dilatados anos.

Vamos, isso sim, referir que o nosso concelho, tal como se esperava, esteve ali presente no maior número e na sua maior expressão representativa, pois ninguém de quantos tinham para além do seu nome, cargo que anunciasses algo do político, social, administrativo, etc., deixou de demonstrar pela sua adesão física, a sua verdadeira presença espiritual.

Assim, vimos ali o sr. presidente da Câmara, o sr. vice-presidente, toda a vereação; o presidente e toda a Comissão da A.N.P.; o presidente e demais membros directivos do Grémio da Lavoura e Cooperativa Agrícola; o provedor, director do Centro de Saúde e toda a Mesa da Santa Casa; o presidente, comandante, direcção e um piquete dos Bombeiros Voluntários; Direcção da Caixa do Crédito Agrícola e do F.C. de Amares; Direcções e representações das Casas do Povo e seus estandartes; Comandante da Legião Portuguesa; direcção deste semanário; presidentes de Juntas de freguesia e representações da Escola Preparatória de Sá de Miranda e da Junta de Turismo de Caldelas.

O Concelho abriu os braços para receber o Homem de quem espera muito para que possa levar à frente quanto precisa sem embargo de ser o mais pobre do Distrito nas suas finanças camarárias, embora o não seja na arrancada a que está devotado.

Em verdade algo de muito importante, de transcendente, está projectada ou em franco andamento, envolvendo todos os ramos de interesse, todos os sectores, num movimento notável e válido julgado impossível para o nosso meio, mas que, por isso mesmo, precisa dum carimho e atenção de fora que possa equiparar-se à dedicação, estoicismo e atrevimento dos de dentro.

Por toda a parte se instituí o grande e poderoso estribilho da «formação e informação». Pretende-se, com isto, inculcar na massa anónima o interesse pela informação dimanada de todos os órgãos que a constituem e pretende-se, ao mesmo tempo, dar a entender que esta faz parte integrante da formação.

O mito já vem de longe, embora outrora não o fosse, dada a consciencialização que presidia ao seu fascínio. Outrora, como dizemos, os cronistas, preciosamente expunham as suas ideias num arroubo de perfeita literatura e espiritual dádiva. Essa informação era formativa, sem dúvida, revelante, cintilante e aprazível. Daí provir a formação tácita da opinião pública no desenvolvimento da sua consciência e na informação verdadeira.

Ora é exactamente na altura exacta dessa formação que não se vislumbra a informação verdadeira, consciencializada por parte de quem no-la poderia fornecer.

Se nos quisermos referir à Imprensa, o que se verifica? O contraste amorfo dessa informação. A Imprensa, a tal poderosa alavanca que forma a opinião publica, está desaparecida e vislumbra-se, há pouco tempo, maior clarividência por parte de quem a serve.

Se permitir-se culpar alguém, teremos de culpar todos os que trabalham diariamente nos jornais. A partir do director e a findar no simples informador tudo se recolheu a um marasmo intolerável. Tudo se confina a meia dúzia de palavras informativas de desastres, ligeiras mas compridas informações com título de caixa alta, sem vislumbrarmos qualquer formação, acerca delas.

Vê-se, sim, muitas coisas esquisitas, muita literatura de cordel, com dificuldade para o leitor assimilar, como algumas notícias que diariamente se nos apresentam. Exemplos há centenas, senão milhares. É de perto, semelhante informação formativa e da qual respigamos o seu final:

«O que nos admira é que tamanha inconsciência ainda prolifere nos graníticos bes-

tuntos de umas quantas pessoas, que certamente se julgam muito inteligentes por pregarem uma partida do 1.º da Abril, à Polícia e aos Bombeiros, em plena Era Espacial. Há que convir que, apesar de todas as conquistas da Técnica e de todo o progresso portentoso das Ciências, mau grado o incremento que atingiu hoje em dia a Medicina, ainda há cérebros mais primitivos que o dos primitivos primatas, coevos do «Homem de Neanderthal» ou, mesmo, do ainda mais antigo *Pithecanthropus erectus* — que talvez, se soubessem que um dia teriam tais descendentes, morressem de vergonha muitos séculos antes!»

Pretende-se dar uma informação relativa ao inconcebível disparate de chamar os bombeiros e a polícia no «dia de enganos», pelo prazer de enganar, formando o público com um final noticioso deste jaez. E pretende-se criar, ainda por cima, uma cadeira universitária sobre jornalismo.

Eis a voga do estribilho «formação e informação». Mas como, senhores?!...

MILITÃO PORTO

5.ª COLUNA

A 18 de Dezembro de 1971 o nosso jornal trazia um alerta sobre o «Serviço de cantinas no estaleiro de Vilarinho das Furnas continua deplorável», alerta esse que indignadamente estava certo pela miserável comida que se apresentava naquela cantina do pessoal da Companhia Portuguesa de Electricidade.

A 11 de Março passado tudo continuava na mesma — segundo o também nosso jornal indicava — conforme outro artigo sobre o momento assunto.

Tudo isto me prodigalizou ensejo para, ao encontrar-me com amigos empregados na C. P. E., a quem mostrei os exemplares da «Tribuna», ficaram estupefactos, dada a ignorância de tais factos não serem do seu conhecimento, embora não tivesse de o ser.

«Continua na 4.ª página»

SOLDADOS DA PAZ

Humanitários soldados da paz
Que à humanidade tão bem faz
Enaltece-los, nunca é demais
Salvam da morte, pessoas e animais,
Soldados intrépidos e valorosos
Enfrentando incêndios valorosos.
Arriscam a vida por outros em perigo
Pela sua filantropia os bendigo.

O medo não os retém nem atemoriza
Porque a abnegação é a sua divisa.
Nobre classe de alveistas obreiros
Em praticar o bem são pioneiros.
Quantas vezes a sua árdua missão
Leva a muitos rápida salvação!
Aos naufragos, inundações e acidentes
Os estóicos soldados estão presentes.

O fogo consome extensos pinheirais
Devora ainda áreas de eucaliptais.
Nos rescaldos os heróis ficam atentos
Às brazas senão reateiam com os ventos.
O machado e a agulheta são suas armas.
Com este material, dominam as chamas.
Merecem de Deus sua santa bênção;
Dos homens, simpatia e gratidão.

SE ÉS JOVEM

- Tens mais de 18 e menos de 35 anos de idade;
- Tens o 2.º grau da Instrução Primária;
- Tens bom comportamento moral e civil;
- Tens a robustez física exigida para o desempenho da missão:

Alista-te no Corpo Activo dos Bombeiros Voluntários de Amares.

António de Sousa

Telefone dos Serviços dos Bombeiros V. Amares 62162

CÂMARA MUNICIPAL

— DE —

AMARES

AVISO

José Alves Coelho de Azevedo, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Amares, torna público, nos termos do art.º 18.º da Lei 2015, de 28 de Maio de 1946 que desde o dia um até ao dia dez de Maio próximo futuro, se encontra patente na Secretaria desta Câmara Municipal, durante as horas de expediente, o recenseamento eleitoral da Assembleia Nacional, referente ao ano de 1972, para efeito de reclamação.

Qualquer interessado ou eleitor recenseado no ano antecedente pode reclamar até ao dia 15 de Maio, para o Presidente da Câmara, de harmonia com o disposto no art.º 19.º da citada Lei 2015.

Câmara Municipal de Amares, 29 de Abril de 1972.

O Chefe da Secretaria,

José Alves Coelho de Azevedo

Aniversário

Festejou no passado dia 27, o seu aniversário natalício o nosso colega de trabalho, impressor, sr. Armandino Abreu Dias.

Por tão alegre data, sua família juntamente com seus colegas, desejam ao «Dino» que esta data se prolongue por infindáveis anos.

S. VICENTE DO BICO

ESCLARECIMENTO

Com o título «Tragédia na freguesia do Bico, no dia da festa da Páscoa» saiu na última edição deste jornal a notícia de que tinham rebentado 40 dúzias de foguetes. Para esclarecimento e em especial para os conterrâneos desta terra, informo que isso aconteceu não nesta freguesia mas sim na freguesia de Fiscal, como afinal noticiava não houveram felizmente acidentes pessoais o que de princípio se pensou, depois de se ter ouvido a terrível explosão.

DE VISITA:

Afim de assistir à visita pascal estiveram entre nós os Snrs. António Oliveira Ribeiro e José Fernandes Ribeiro este acompanhado de sua esposa D. Maria Lucinda Rodrigues da Silva que têm estado em França. Estes aproveitaram para batizar um filhinha que há meses tinha nascido em França e que por gosto e amor à terra que os viu nascer, quiseram que o 1.º filho que Deus lhes deu fosse batizado na mesma Pia Batismal. Parabéns por tal atitude e votos que assim continuem com amor à terra.

DESPORTO:

Vai o grupo desportivo desta terra defrontar amanhã dia 16, em Vila Verde o Sporting Leões de Lanhas um dos melhores grupos do concelho de Vila Verde, a nossa rapaziada está bastante confiada nas possibilidades de ali realizar um resultado satisfatório, esperamos que assim seja e numa próxima oportunidade aqui estarei novamente a informar os nossos conterrâneos e todos os prezados leitores deste jornal do resultado lá conseguido, até lá votos de muitas felicidades.

FESTA DA PÁScoa:

Como é de tradição a visita Pascal nesta freguesia foi no passado Domingo dia 9, o chamado Domingo de Pascoela, como de costume decorreu com muito brilho, pela 1.ª vez os empregados da fábrica desta freguesia, tendo como chefe o sr. Alberto António da Silva, lembraram-se de receberem a Cruz dentro da própria fábrica, para isso prepararam um saboroso beberete. Mostrando assim que há verdadeira amizade entre operários e patrão. João Alves

CALAFRIO

Continuado do número anterior)

carinha avermelhada pelo sono. Lembro-me de ter cerrado os olhos por momentos, abandonando-me, conscientemente, como que ao excesso de qualquer coisa muito formosa que cintilava no azul dos olhos dela.

«Estava a ver se me avistava da janela?» perguntei eu. «Julgou que eu andasse a passear lá fora?»

—Sim, imagine, julguei que andava alguém lá fora,»—ela nunca se perturbava enquanto se sorria assim para mim.

Oh, que olhar eu lhe lancei então!

«E viu alguém?»

—Ah, não!» voltou ela, com o privilégio da inconsequência infantil, ressentida, embora com uma grande doçura no seu negativo balbuciar.

Naquele momento, e atendendo ao estado dos meus nervos, acreditei em absoluto que ela estava mentido; e, se mais uma vez cerrei os olhos, foi em virtude do deslumbramento que em mim produziam as três ou quatro justificações que eu podia atribuir àquilo. Uma delas tentou-me, por momentos, com uma tão singular intensidade que, para lhe resistir, devo ter agarrado a pequena com toda a força, numa convulsão a que ela se submeteu maravilhosamente, sem um gemido nem qualquer sinal de susto. Por que me não expliquei sinceramente logo com ela? Por que não lhe lancei eu tudo isto, directamente, ao lindo rosto iluminado? «Vê, vê? Percebe o que fez e o que a menina já suspeitava que eu soubesse: por que me não confessa, então, com toda a sinceridade? Em posse desse segredo poderíamos viver as duas e saber, talvez, nosso desconhecido futuro, o que se passa e o que tudo isto representa!» Tal tentação, mal se me apresentou, logo se esmoreceu, aí de mim! Se lhe tenho cedido imediatamente, ter-me-ia poupado—sim, em breve saberão ao que eu me teria poupado. Em vez de desanimar, pus-me de novo de pé, olhei para a cama dela, e tomei por um caminho inevitável:

«Por que puxou a menina a cortina, fazendo-me supor que ainda estava na cama?»

Flora pôs-se a pensar luminosamente, após o que, com o seu

ingénuo sorrisozinho, replicou:

«Por que não gosto de a assustar!»

—Mas se eu tivesse saído à sua procura, por causa dessa sua ideia?»

Flora evitou em absoluto a mostrar-se perturbada; voltou os olhos para a chama da vela, como se a pergunta fôsse irrelevante ou, de qualquer modo, tão impessoal como a verdade.

«Oh, eu bem sabia que havia de voltar,» respondeu ela com propósito, «minha querida professora, e voltou!» Passado algum tempo, quando já estava na cama, eu, que me sentara a seu lado com a mão dela entre as minhas, reconheci que realmente tinha voltado.

Imaginem o que foram as minhas noites desde aquela ocasião. Era frequente ficar acordada até tarde; aguardava as oportunidades em que não havia dúvidas de a minha companheira de quarto estar a dormir, e saía, dissimuladamente, seguindo, sem ruído, ao longo do corredor, e aventurando-me mesmo a ir até ao sítio onde encontrara Quint pela última vez. Mas nunca mais aí o encontrei; e posso também dizer já que nunca mais o voltei a ver dentro de casa. Foi justamente na escada, por outro lado, que eu perdi uma aventura diferente. Estando, certa vez, a olhar do alto para o fundo da escada, descobri uma mulher sentada num dos degraus mais abaixo, com as costas para mim, o corpo inclinado e a cabeça, enterrada nas mãos. Acabava eu de chegar, quando ela desapareceu, sem se voltar para mim. Eu percebi, contudo, qual a face que ela me mostraria; e a mim própria pergunto se, em vez de estar no alto da escada, estivesse em baixo, eu teria tido a mesma ousadia que mostrara no caso de Quint, dirigindo-me a êle. Sim, eu carecia muito de coragem. Na décima primeira noite após o meu encontro com aquele indivíduo—as noites eram todas contadas, agora—tive um sobressalto que lhe andou perto e que, na realidade, graças à particular natureza do seu imprevisto, perfeitamente, a minha profunda comoção. Foi precisamente na primeira destas noites que eu, cansada de insónias, pensei poder outra vez, sem relaxamento, deitar-me à hora que antigamente costumava fazer. Adormeci logo, e, como mais tarde vim a saber, dormi até à uma hora da manhã; quando acordei, todavia, pus-me logo direita, perfeitamente acordada, como se uma mão me tivesse sacudido. Deixara uma luz acesa, que estava apagada, e logo percebi que fora Flora quem a apagara. Pus-me de pé, dirigi-me, na escuridão, à cama dela, e verifiquei que Flora não estava. Um rápido alhar à janela deu-me uma certa compreensão e o fósforo que acendi completou o quadro.

A criança fugira outra vez—agora tinha apagado o pavio, e, na intenção de ver alguma coisa ou de responder fôsse ao que fôsse,

(Continua no próximo número)

TRIBUNA do CONCELHO

Notícias do Concelho

D. Pedro I.º Imperador do Brasil

O primeiro e único imperador do Brasil para lá voitou num navio que singra as águas do Oceano atravessado por Cabral, Gago Coutinho e Sacadura Cabral. O primeiro e os segundos puderam ver e sentir os efeitos das aventuras e o resultado das conquistas que praticaram e que fizeram estremecer as multidões obsecadas. A história de Portugal confere ao país e ao Mundo o direito Bíblico de mistérios incontáveis pelos valerosos feitos praticados por esses e outros filhos lançados na terra para destinos proféticos. Os jornais do Brasil e de Portugal reproduzem esses factos notáveis da história dos dois países ficando muita gente agora a conhecer melhor as terras onde nasceram. A translação dos restos mortais do imperador devem ser o termo de questões ráticas originadas pelo desconhecimento da verdadeira ascendência e o elo da ligação parece das duas famílias que se abraçam e choram por tão tarde se terem conhecido. Século e meio depois da independência dada pelo imperador nas margens do Rio Ipiranga em S. Paulo, para lá volta o corpo do Homem que tão bem soube interpretar o sentimento do povo que não queria a separação mas queria a independência por ter atingido a maioridade. É desse gesto que sofrera a grande fraternidade Luso-Brazileira no século XX. Mesmo depois de morto D. Pedro I.º merece a consagração da Pátria por prever os resultados proféticos da sua atitude.

Soberania Agrícola

Só com as Cooperativas Agrícolas pode a lavoura tornar a ter a soberania que merece como célula primária da vitalidade da Nação. A maior despesa agrícola para o país, é de ter de comprar fora o que podia fazer dentro de casa. E não só isso como também um mau exemplo de incapacidade perante as nações que apresentam de tudo, bom e a preços acessíveis às classes não privilegiadas pela abundância de diversos.

Alguém de Amares já percorreu Israel. Viu e constatou o que aquilo era e o que é hoje. Para esses dispenso-me de insinuações mas os que não conhecem esse jovem país como eu, senão

pelo que leio e ouço, o relato desses viajantes é altamente comprometedor da nossa capacidade. Vamos entrar no caminho dos empreendimentos validos para regressarmos à antiga soberania e ainda vamos a tempo e mais animados e dispostos a lutar sem tréguas para vencermos o que já se perdeu que foi o potencial humano que abalou fugindo às consequências fomentos que se previam se o Secretário de Estado da agricultura não dissesse: *Depressa e em força*, para salvar também as economias de Portugal comprando azeite, milho, trigo, carne e manteiga. Em bem a Comissão constituída para a fundação da cooperativa agrícola se abalançou à iniciativa tendo também a sorte de encontrar bons terrenos, boa vontade do Ministério da Economia e o apoio franco e decisivo dos melhores e maiores produtores agrícolas do Concelho de Amares.

Foi o que se viu um Grémio da Lavoura onde o presidente Dr. Pereira da Silva impôs a sua autoridade e o seu respeito como homem digno de consideração inspirada a todos pela grande confiança no futuro da Cooperativa. O Engenheiro Agrónomo da Estação Agrária do Porto Dr. Bento Leite de Castro electrizou a assembleia com os seus conhecimentos pela grande experiência na montagem do organismo em normas estabelecidas por lei e por outros já fundados e dos quais foi ele o monitor cujos sucessos dependem somente da administração. Foi ventilado e urge fazer-se uma câmara frigorífica privativa dos sócios porque é de tal modo a futura produção frutícola que a existente na Ponte do Bico só pôde admitir um sócio do Concelho de Amares! Confiemos pois no futuro da lavoura de Amares e confiemos também nos administradores porque está em causa o interesse Colectivo, a dignidade dos fundadores e a honra do Governo que espera e ajuda muito a resolver o magno problema.

Elísio Gonçalves

ANIVERSÁRIO

Faz no dia 3 de Maio anos o menino José Augusto Alves Gonçalves, filho do nosso assinante Agostinho Gonçalves Fernandes, residente em França.

Seus avós pedem a Deus, para que esta data se prolongue por muitos anos.

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Hoje, o menino António Camilo da Silva Dias, filho do sr Armando Joaquim Dias e D. Rosinha Pêna.

No próximo dia 1 a Senhora D. Elsa Mendes Tomé.

No dia 5 a Senhora D. Teresa Augusta Dias Pereira, residente com seus pais e marido em Dax-França.

* * * *

Festejou no passado dia 24, do corrente, o seu aniversário natalício a menina Maria de Fátima da Cunha Antunes.

Por tão alegre data seu irmão, juntamente com a restante família, pedem a Deus que esta data se repita por infindáveis anos.

Tribuna Livre deseja a todos os aniversariantes muitas felicidades.

CORTEJO DE OFERENDAS

O grandioso cortejo de oferendas realizado em Souto, excedeu todas as expectativas.

Realizou-se, há dias, na vizinha freguesia de Souto, um grandioso cortejo de oferendas, cujo produto se destina às importantes obras de restauro da Igreja Paroquial daquela freguesia.

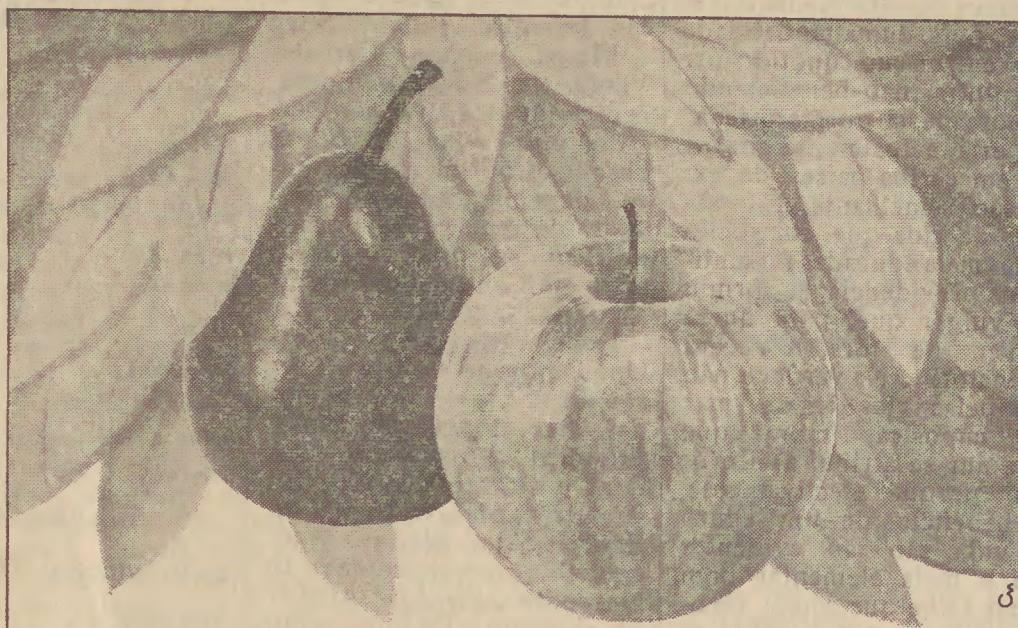
A comissão composta de vários elementos bairristas daquela freguesia, elaborou um belíssimo programa a que não faltaram os típicos e afamados ranchos folclóricos de Sibões e Souto que exibindo suas danças foram muito apreciados.

Além do desfile de dezenas de carros de bois todos belamente decorados e carregados de toros de madeira de Castanho, Pinho, freixo, pipos de vinho etc. se viram muitos automóveis em cujos parabrisas trasiam grandes dísticos indicando as vultosas importâncias oferecidas.

No final do cortejo realizou-se o importante bazar que foi muito disputado atingindo as oferendas preços muito elevados o que concorreu para que o resultado final fôsse de mais de oitenta e cinco mil escudos.

Algumas freguesias vizinhas tomaram parte e colaboraram, num gesto muito simpático.

C.



Gusathion MS

O que o seu pomar merece

O seu pomar merece o melhor. Trate-o com GUSATHION MS.

O insecticida de acção múltipla que permite combater eficazmente, e ao mesmo tempo, todos os insectos e ácaros inimigos dos pomares.

Porque GUSATHION MS reúne num só produto as qualidades dos insecticidas sistémicos e dos insecticidas de contacto.

Decida-se já por GUSATHION MS. É fácil de aplicar e representa

para o fruticultor uma notável economia.

Mais de 7000 hectares de pomares portugueses foram tratados do princípio ao fim com GUSATHION MS.

Com GUSATHION MS Fruta de 1.ª qualidade—sã, saborosa, de aspecto impecável.

GUSATHION MS Garantia de sucesso no tratamento do seu pomar.

Gusathion MS 

é um produto BAYER

Justa compensação após anos de trabalho

Uma das modalidades mais vulgarizadas hoje no que respeita à previdência social é, sem dúvida, o seguro. São várias as suas formas, múltiplas as suas aplicações, e há sempre uma maneira nova de encarar circunstâncias igualmente novas que o progresso e a actualização implicam.

O grande público desconhece, porém, os meandros inúmeros desta actividade. Esses são da conta de gente ligada a interesses que necessitam duma garantia, a negócios em alta escala, a empreendimentos que não marcham sem um apoio firme, sem uma garantia para todas as emergências.

No entanto, dois aspectos há que, de tanto se terem vulgarizado, quase não se lhes dá o verdadeiro sentido que é afinal, este: ramos da indústria de seguros. Um deles, diz respeito aos contratos de trabalho e respectivas garantias para o trabalhador em caso de acidente ou doença. Como se sabe, por determinações legais ultimamente publicadas, a obrigatoriedade destes seguros generalizou-se a todas as espécies de actividades. Trata-se, pois, duma modalidade que entrou no quotidiano.

A outra, não beneficiando embora desta obrigatoriedade, está actualmente gozando, em certos países, de expansão semelhante. É o seguro de vida que, em sociedades mais educadas no sentido da previdência, se tornou tão vulgar que, para quem estiver de fora, parecerá obrigatório. Na verdade não o é pelas vias legais, mas por imposição moral que cada um se atribui a si próprio, porque, efectivamente, os benefícios de um seguro de vida são tão evidentes que o mais elementar bom senso exige que sejam reconhecidos. A prevenção para a independência económica do futuro, a justa compensação após anos de trabalho, a segurança económica da família privada do seu chefe, são as alíneas gerais dum seguro de vida. Depois, podem ser consideradas variantes de acordo com os interesses do contratante.

Entre nós, se bem que ultimamente tenha aumentado o número dos contratos de seguros de vida, não se pode dizer que ele se tenha tornado um hábito salutar da nossa população, não ganhou ainda a decisão suficiente para se prevenir com essa diligência tal como se inscreve em qualquer vulgar associação de socorros. E, quando alguém lhe faz considerar tal hipótese parece-lhes que

os seus meios não chegam a tanto.

Ora, o seguro de vida, na verdade, dirige-se também às pequenas economias. Não são as grandes fortunas que precisam dele com mais evidência, mas sim os pequenos ordenados que bastam apenas para o dia-a-dia. O que é urgente, o que é necessário, é levar a todos o conhecimento de que o seguro de vida está igualmente ao alcance de todos.

EDITAL

José Clemente Fernandes,
Juiz das Execuções Fiscais de
Amares.

Faço saber que no dia 4 do mês de Maio, pelas dez horas, na Repartição de Finanças de Amares se há-de proceder à arrematação, pelo maior lance que for oferecido, dos bens abaixo designados penhorados a Eduardo Eugusto Ferreira Vilela da Silva, Domingos José Ferreira Vilela da Silva, Maria Ludovina Ferreira Vilela da Silva, Maria da Glória Ferreira Vilela da Silva e Maria Armada Ferreira Vilela da Silva, menores, representados por seu pai-Amândio José da Silva, casado, proprietário, de Bouro, para pagamento de Imposto de mais valias, do ano de 1970, da importância de nove mil oitocentos e oito escudos.

Designação dos bens: Uma morada de casas do rés do chão, e primeiro andar, digo, do rés do chão, primeiro e segundo andar, para habitação, no lugar do Cano, freguesia de Bouro S.ta Maria, deste concelho, a confrontar do Nascente com José Augusto Ferreira, Poente e Sul com o proprietário e Norte com caminho público, inscrita na matriz sob o artigo 361. A base de licitação é de 30 000\$00. Por este meio são citados os credores incertos e desconhecidos para deduzirem os seus direitos.

Amares 27 de Abril de 1972

O Juiz,

José Clemente Fernandes

TRIBUNA LIVRE

A Redacção deste «Semanaário» pede a todos os ilustres colaboradores o favor de enviarem as suas notícias e artigos até à quarta-feira.

A Redacção

5.ª COLUNA

(Continuado da 1.ª página)

Contudo, há dias, em novo encontro com esses amigos, garantiram-me estar tudo sanado.

Dentro desta premissa recolhi-me à minha insignificante actuação sobre o assunto, mas, exactamente por isso, o Leitor, aqui estou para perguntar a razão por que o nosso jornal, tendo pugnado por tão altruista maneira, acerca da antipática organização, ainda nada nos disse por o assunto ter sido solucionado. Ou nós apenas somos uma «5.ª Coluna como esta. Esta, porém, Leitor, quando tem a dizer bem também diz. não é só mal!

Ora era de meu gosto saber o que há e deste modo aqui deixo a pergunta a fim de mostrar aos meus amigos outro exemplar do nosso Jornal a confirmar o que me disseram.

É verdade? Se é venha a informação. Se não é, venha nova pancada, porque quem arrojadamente a deu por duas vezes também não tem medo de dar a terceira. E como não há duas sem três... — não é Leitor?

EME ABRIL

Condições de Assinatura

Continente	
Ano	50\$00
Semestre	25\$00
Ilhas	
Avião—ano	150\$00
Semestre	75\$00
Barco—ano	60\$00
Semestre	30\$00
Brasil	
Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00
Estrangeiro	
e Províncias Ultramarinas	
Avião—ano	160\$00
Semestre	80\$00
Barco—ano	80\$00
semestre	40\$00

EM BRAGA

PREFIRA
RESTAURANTE AVENIDA

DE
Eugénia Ferreira de Oliveira Machado

e
Manuel Gomes Machado

Almoços, Jantares, Serviço de Casamento

e à Lista

Avenida Central, 131—Telefone 24357 — Braga

A OLIVEIRA NO MINHO

(Continuado da 1.ª página)

são os que a consomem assim sobretudo os mais pobres.

Mas temos também outra oliveira que dá azeite na maior, muito razoável quanto ao tamanho e muito boa quanto ao paladar: a «galega grada».

Posto isto, parece que a oliveira do Minho, longe de ser desprezada ou até condenada à morte, deve, pelo contrário, continuar a cultivar-se, mas fazendo tudo nas devidas condições.

Parece... mas o pior são os graves inconvenientes que nessa provincia, a aconham, dos quais um, pelo menos, é muito difícil, senão impossível afastar.

Ora vejamos.

A oliveira, no Minho, como dissemos, cresce lá para os altos. Isso, dantes, tornava a colheita difícil; hoje faz com que ela economicamente seja impossível na maioria dos casos.

De facto, fazendo as contas à despesa com a apanha e o fabrico do azeite, este, muitas vezes, fica mais caro do que se for comprado.

Mas isso pode-se remediar dizem alguns; bastará rebaixar as oliveiras e, se for necessário, arranjar (quando?) máquinas para a apanha.

Vejamos a questão por partes e comecemos pelo fim.

Máquinas para a apanha, já as há; mas creio que ainda não se atingiu a perfeição desejada, pelo menos sob os principais aspectos.

Admitamos, porém, que sim.

Mas tropeçamos logo com

um grande obstáculo. As máquinas, sobretudo as grandes e as que, por serem complicadas, são caras, necessitam de trabalhar muito para serem económicas; ora os nossos olivais são pequenos e, muitas vezes, estão substituídos por grupos de oliveiras isoladas.

Portanto, mesmo recorrendo ao, neste caso, quase impossível emparcelamento ou à também quase impossível associação, não se conseguiu coisa aproveitável.

Vejamos agora o que se teria de fazer quanto à árvore. Dois caminhos havia rebaixar as oliveiras ou plantar outras.

(Continua no próximo número)

QUADRAS

O amor dos homens,
É como o fermento,
Passado oito dias
Já está bolorento.

Amo-te muito! ela o disse
um dia muito gentil...
Mas o dia em que o disse
era o primeiro de Abril

O vento arrasta cantando
Folha a folha pelo chão
Só não arrasta as mágoas
Que eu trago no coração

ESTIMADOS ASSINANTES

Vai esta Redacção proceder à cobrança do Ano de 1971.

Atendendo ao substancial aumento de ordenados da Indústria Gráfica, e para evitar maiores despesas, pede a Redacção aos ilustríssimos assinantes de «Tribuna Livre» o favor de enviarem as suas assinaturas o que, desde já, e penhoradamente, agradece.

A REDACÇÃO

A SOBRINHA

—Ó tio, aguardente tingirá de encarnado o vestido da minha boneta?

—Já se vê que não minha tola. Porque julgas isso?

—Como ouvi a minha mãe dizer que a aguardente que fazia o nariz do tio encarnado!

O seguro morreu de velho

—Para que lhe heide pagar adiantado?

—Olhe, não é que eu de confie do senhor, mas é que o barco mete um pouco de água, e quem sabe se poderão voltar!

Visado pela Censura